EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E AUTONOMIA: REFLEXÕES SOBRE AS CONTRIBUIÇOES DA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL

Sabrina de Melo Correia da Silva[1], Marcos Vinicius Francisco[2]

[1]Departamento de Educação Física, FCT – UNESP. [2]Programa de Pós-graduação em Educação da FCT– UNESP E-mail: sabrinasabao@hotmail.com

RESUMO

A presente pesquisa é fruto de um Trabalho de Conclusão de Curso da Licenciatura em Educação Física, da Faculdade de Ciências e Tecnologia – Universidade Estadual Paulista. A pesquisa refere-se ao período 2011-2012 e objetiva refletir sobre as contribuições da Teoria Histórico-Cultural para o processo de construção da autonomia nas aulas de Educação Física. Adotou-se como metodologia de trabalho a pesquisa de revisão bibliográfica. O referencial teórico é fundamentado na abordagem crítico-superadora em Educação Física, bem como nas contribuições da Teoria Histórico-Cultural. Tais abordagens advêm da mesma base epistemológica, o materialismo histórico-dialético. Em um primeiro levantamento bibliográfico realizado foi possível verificar que há uma carência na literatura em relação às pesquisas que buscaram investigar o processo de construção da autonomia nas aulas de Educação Física escolar. Os resultados apontam que, historicamente, tem se evidenciado que práticas pedagógicas reducionistas em Educação Física, marcadas apenas pela valorização da perfeição do corpo, desempenhos técnico-físicos ou pela valorização esportiva, que não contemplam sua historicidade e pouco ou nada auxiliam os alunos no processo de construção de sua autonomia e emancipação frente às manifestações da cultura corporal de movimento.

Palavras - chave: Educação Física Escolar, Crítico-Superadora, Teoria Histórico-Cultural, Autonomia, Cultura Corporal de Movimento.

SCHOOL PHYSICAL EDUCATION AND AUTONOMY: REFLECTIONS ON THE CONTRIBUTIONS OF HISTORICAL-CULTURAL THEORY

ABSTRACT

This research is the result of a Work of Course Completion Degree in Physical Education, Faculty of Science and Technology – State Public University. The research refers to the period 2011-2012 and reflects on the contributions of Historical-Cultural Theory to the process of building autonomy in physical education classes. It was adopted as a working methodology of the research literature review. The theoretical approach is based on the critically-surpassing in Physical Education as well as the contributions of Historical and Cultural Theory. Such approaches stem from the same epistemological basis, the historical and dialectical materialism. In a first bibliographical survey we found that there is a lack in the literature regarding research that sought to investigate the process of building autonomy in school physical education classes. The results show that, historically, it has been shown that teaching practices reductionist in Physical Education, marked only by the appreciation of the perfection of the body, technical and physical performance or recoverer sport that does not include its historical and little or nothing to assist students in the process construction of their autonomy and empowerment in the face of cultural manifestations of body movement.

Keywords: Physical Education, Critical-surpassing, Historical and Cultural Theory, Autonomy, Culture Body Motion.

INTRODUÇÃO E OBJETIVO

A pesquisa intitulada Educação Física Escolar e autonomia: reflexões sobre as contribuições da Teoria Histórico-Cultural surgiu a partir de algumas inquietações procedentes de vivências em um projeto de extensão universitária, no qual ministrava-se aulas de Educação Física para o Ensino Fundamental I (1º ao 5º anos) em uma escola do município de Presidente Prudente – SP. Paralelamente ao trabalho de extensão, também eram desenvolvidas observações de aulas de Educação Física em outra instituição escolar de Ensino Fundamental, como requisito para a conclusão da disciplina "Estágio Obrigatório Supervisionado" do curso de Licenciatura em Educação Física da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNESP (FCT/UNESP) *campus* de Presidente Prudente – SP. Durante o acompanhamento dessas atividades, observou-se que as crianças nessa instituição demonstraram certo grau de autonomia em relação às aulas de Educação Física. As crianças ao serem mediadas pelo professor, no que concerne a vivência das atividades propostas (conhecimentos científicos), tinham a liberdade de opinar e questionar sobre tais atividades.

No decorrer das aulas, verificou-se que as crianças do projeto, ao contrário do observado na experiência de estágio, demonstravam pouca autonomia apresentando dificuldades, limitações e dependência para a realização das atividades propostas. Decorrente dessas inquietações objetivou-se a presente pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso em Educação Física da FCT/UNESP. Destarte, o objetivo dessa pesquisa foi verificar as contribuições da Teoria Histórico-Cultural no que se refere à construção da autonomia nas aulas de Educação Física.

METODOLOGIA

Nesta pesquisa adotou-se como método de trabalho a pesquisa bibliográfica. De acordo com Lakatos (1992) esse tipo de pesquisa trata:

> [...] de levantamento de toda a bibliografia já publicada, em forma de livros, revistas, publicações avulsas e imprensa escrita. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo aquilo que foi escrito sobre determinado assunto (LAKATOS, 1992, p.45).

Assim, num primeiro momento procurou-se fazer um levantamento das produções relacionadas à Educação Física e a autonomia em documentos governamentais produzidos na área da Educação, como por exemplo, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN).

Diante desses materiais procedeu-se pela leitura e fichamento dos mesmos com o intento de responder ao objetivo central da presente pesquisa. Vale apontar que se realizou a procura por artigos, livros, dissertações e teses e outras produções científicas nos seguintes buscadores: Base Athena (UNESP), Google Acadêmico, Portal de Periódicos da CAPES e Base Scielo.

RESULTADOS

Em um primeiro levantamento bibliográfico realizado foi possível verificar que há uma carência na literatura em relação às pesquisas que buscaram investigar o desenvolvimento da autonomia nas aulas de Educação Física escolar.

No que se refere à Educação Escolar, o Governo Federal Brasileiro elaborou alguns documentos com o intuito de direcionar a atuação dos educadores[1] durante o processo formal de ensino na educação básica. Os Parâmetros

[1] Utilizar-se-á a grafia no masculino "educadores", ao fazer referência tanto aos homens quanto às mulheres. Contudo, tal posicionamento não significa a inviabilização do gênero feminino na escrita acadêmica.

Curriculares Nacionais (PCN) elaborados pelo Ministério da Educação e do Desporto (BRASIL, 1997), por exemplo, são formulações que têm como objetivo nortear o desenvolvimento do trabalho pedagógico escolar. Em seus textos, há uma série de considerações acerca de temáticas que deveriam ser contempladas durante a prática educativa. No que tange ao processo de formação**,** destacam-se algumas orientações didáticas ao ressaltar-se a importância do desenvolvimento da autonomia dos alunos, entendida como a:

> [...] capacidade de posicionar-se, elaborar projetos pessoais e participar enunciativa e cooperativamente de projetos coletivos, ter discernimento, organizar-se em função de metas eleitas, governar-se, participar da gestão de ações coletivas, estabelecer critérios e eleger princípios éticos, etc. (BRASIL, 1997, p. 62).

Esta definição sugere uma relação emancipada que envolve aspectos intelectuais, valorativos, afetivos e sociopolíticos. Ainda que na escola se destaque a autonomia na relação com o conhecimento, ela não ocorre sem o desenvolvimento da capacidade ética e emocional, o que remete a se refletir sobre questões como: autorrespeito, respeito mútuo, segurança, sensibilidade etc. O sentido da autonomia como princípio didático geral proposto nos PCN seria possibilitar:

> [...] uma opção metodológica que considera a atuação do aluno na construção de seus próprios conhecimentos, valoriza suas experiências, seus conhecimentos prévios e a interação professor-aluno e aluno-aluno, buscando essencialmente a passagem progressiva de situações em que o aluno é dirigido por outrem a situações dirigidas pelo próprio aluno (BRASIL, 1997, p. 61).

No que se refere ao trabalho pedagógico docente, Paulo Freire (2006, p. 22) afirma que "[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção". Nesse sentido, para o autor, o docente não é um mero transferidor de conteúdos, mas sim um professor que faz mediações entre os seus conhecimentos e o dos alunos, que possibilita aos mesmos criarem, intervirem e produzirem oferecendo oportunidades para que eles construam suas representações de mundo partindo do próprio conhecimento. Isso contribuiria para a formação de um sujeito autônomo, que participa e intervêm de forma significativa no seu processo de ensino aprendizagem e também estimularia o senso crítico devido ao poder de liberdade de escolha que lhe é oferecido.

Segundo Gadotti (2003 apud MOLINA, 2010, p.40), a palavra autonomia tem origem na Grécia Antiga e significa "capacidade de autodeterminar-se, de auto-realizar-se, de "autos" (si mesmo) e "nomos" (lei). Autonomia significa autoconstrução, autogoverno". Contudo, na perspectiva freireana, essa "capacidade de autodeterminação" não se constitui pelo próprio sujeito. É preciso levar em consideração todo o processo de formação humana que inclui, para além de uma "vontade intrínseca" do ser humano, a compreensão das influências culturais, sociais, afetivas e políticas inscritas em determinado contexto.

Contudo, não se pode falar de formação autônoma dos alunos sem pensar num professor, que desenvolva uma prática pedagógica crítica ou progressista e que medeie a práxis-pedagógica. Freire (1996) aponta algumas características que o professor deveria desenvolver para que possa construir novas possibilidades pedagógicas no ambiente escolar como aguçar sua curiosidade em diversas áreas do conhecimento, utilizar a pesquisa permanente como fonte geradora de

reflexões, demonstrar propriedade sobre o conteúdo a ser desenvolvido, e se manter atualizado no que se refere às questões sociais e contemporâneas. Também deve ser coerente com a sua práxis e atentar para a ética no trabalho, construir relações com seus pares que privilegiem o diálogo e principalmente ser comprometido com suas responsabilidades.

Outro fator importante é ser "humilde" o suficiente para compreender que o aprendizado nunca se encerra. Ser generoso com seus pares e não ser preconceituoso, ou seja, compreender que não se pode criar modelos pré-concebidos sobre os sujeitos e suas relações. Para finalizar**,** ser claro em suas colocações mantendo um diálogo, não apenas sobre o conteúdo escolar, mas também ao construir relações humanitárias com a sociedade ao refletir sobre problemas sociais, tais como, injustiça, violência, política, ética etc. (FREIRE, 1996).

É válido destacar dessa forma que se entende que quando os alunos desenvolvem sua autonomia nas aulas de Educação Física, isso não se dá de maneira espontânea, mas sim sob a mediação dos professores. Esses que ao proporem atividades de intervenção pedagógica e ao refletirem sobre as mesmas junto de seus alunos, estarão auxiliando no melhor desenvolvimento das funções psicológicas superiores das crianças e adolescentes (VIGOTSKI, 1995). Tal aspecto justifica a necessidade de discutir-se o processo de desenvolvimento da autonomia destacado por Paulo Freire a partir da leitura da Teoria Histórico-Cultural, tendo em vista que ambos têm como base epistemológica o materialismo histórico-dialético e que também está contemplado na leitura dos autores da abordagem Crítico Superadora em Educação Física.

Durante o processo de construção da autonomia nos espaços escolares, a atuação docente frente às disciplinas curriculares deveria ser repensada. Nesse sentido, a Educação Física também poderia contribuir para esse processo. Vários pesquisadores da área reforçam que as aulas dessa disciplina, quando bem fundamentadas, podem auxiliar na construção da reflexão e criticidade dos alunos (BETTI, 1992 verifique data referência consta 1991 ; DARIDO & RANGEL, 2008; GHIRALDELLI JÚNIOR, 1989). Dessa maneira, desde que os alunos sejam estimulados a superarem suas dificuldades, reconheçam suas limitações e tenham garantido espaços para se expressarem, as aulas de Educação Física podem muito contribuir para a formação cidadã, democrática e participativa.

Historicamente as práticas pedagógicas dos professores de Educação Física não possibilitavam ao aluno a construção da autonomia referente às atividades propostas pelos professores (DARIDO & RANGEL, 2008, GHIRADELLI JÚNIOR, 1989; CASTELLANI FILHO, 1994).

Frente às escassas literaturas sobre o tema da construção da autonomia nas aulas de Educação Física, foi junto aos autores da Teoria Histórico-Cultural que encontrou-se maior respaldo para responder-se aos objetivos da pesquisa.

DISCUSSÃO

A grande revolução de Vigotski na psicologia foi à compreensão do caráter histórico do psiquismo. O ponto de partida na investigação do psiquismo humano é a história social e a história dos meios pelos quais a sociedade se desenvolve, e neste processo desenvolve-se os homens singulares. Portanto, a proposta do psicólogo russo foi compreender os fenômenos psicológicos enquanto mediação entre a história social e a vida concreta dos sujeitos. (ASBAHR, 2011).

A Teoria Histórico-Cultural, portanto, defende a ideia de que as características

tipicamente humanas não estão presentes desde o nascimento, não são biológicas ou inatas. Elas são produto do desenvolvimento cultural e do processo de mediação entre os homens. (ASBAHR, 2011, p. 25).

Conforme Asbahr (2011), diante dessas preocupações Vigotski passou a pesquisar as funções psicológicas superiores, e entendê-las para explicá-las a partir das relações sociais que o individuo estabelece com o nosso modelo de sociedade. Nas palavras de Vigotski (1995):

> [...] a cultura origina formas especiais de conduta, modifica a atividade das funções psicológicas, edifica novos níveis do comportamento humano em desenvolvimento. [...] No processo de desenvolvimento histórico, o homem social modifica os modos e procedimentos de sua conduta, transforma suas inclinações naturais e funcionais, elabora e cria novas formas de comportamento especificamente culturais. (VIGOTSKI, 1995, p.34).
>
> O conceito de "desenvolvimento das funções psíquicas superiores" e o objeto de nosso estudo abarcam dois grupos de fenômenos que, a primeira vista, parecem completamente heterogêneo, mas que, de fato, são dois braços fundamentais, duas causas de desenvolvimento das formas superiores de conduta, que jamais de fundem entre si, ainda que estejam indissoluvelmente unidas. Trata-se, em primeiro lugar, de processos de domínio dos meios externos do desenvolvimento cultural e do pensamento: a linguagem, a escrita, o cálculo, o desenho e num segundo momento, dos processos de desenvolvimento das funções psíquicas superiores especiais, não limitando nem determinadas com exatidão, que a psicologia tradicional, denomina-se atenção voluntária, memória lógica, formação de conceitos etc. Tanto uns como os outros, tomados em conjunto, formam o que qualificamos convencionalmente como processo de desenvolvimento das formas superiores de conduta da criança (VIGOTSKI, 1995, p.29).

Nesse sentido, fica explicito a importância de se criar/garantir espaço para que as crianças melhor desenvolvam suas funções psicológicas superiores.

Para melhor explicitar esse desenvolvimento apresentar-se-á uma breve discussão dos seguintes conceitos presentes da obra de Vigotski e seguidores: mediação, interação, internalização e zona de desenvolvimento proximal que entende-se como responsáveis pelo processo de construção da autonomia.

A interação social é resultado de um processo dialético entre homem e natureza. Dessa forma ao criar os objetos ou instrumentos o homem transforma a natureza e a si mesmo. Assim surgem os signos como representações artificialmente criadas. Frente a essa premissa, Asbahr (2006) complementa:

> Os signos são organizados em sistemas simbólicos, dos quais o mais importante é a linguagem. A linguagem é o sistema de signos mediatizados por excelência das funções psíquicas, pois é através dela que os indivíduos organizam, transmitem e apropriam-se das experiências individuais e coletivas. (ASBAHR, 2006, p.40).

Entretanto, uma criança não se apropria dos significados dos signos e dos instrumentos se não houver uma interação com o adulto que atribui significado aos objetos.

Para que haja sentido nos conteúdos para as crianças, é necessário que elas internalizem os conceitos socialmente e culturalmente aprendidos. Esse processo de internalização pode ser compreendido como um

processo de assimilação da passagem das ações realizadas no plano social para as ações realizadas no plano psíquico, ou seja, quando a criança não necessita mais de auxílio de um adulto para a realização de alguma atividade, significa que ela compreendeu o significado de um signo através da mediação e interação do professor ou adulto.

Diante desses conceitos, fica evidenciado que o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores vão sempre do intrapessoal para o interpessoal de forma dialética, através das produções advindas das interações sociais coletivas.

Nesse sentido, o conceito que sintetiza o desenvolvimento de aprendizagem da criança diante do que foi apresentado até o momento é o de zona de desenvolvimento proximal (ZDP). O conceito de ZDP pode ser compreendido pelo potencial a ser desenvolvido com a ajuda de um adulto ou professor, ou seja, é o espaço entre o que a criança já sabe realizar sozinha (zona de desenvolvimento real) e o que ela poderá realizar (zona de desenvolvimento potencial), sendo que ela ainda precisará do mediador para atingir esse desenvolvimento potencial. Vigotski (1988) apud Asbahr (2011, p.43) define:

> A zona de desenvolvimento proximal define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, funções que amadureceram, mas que estão em presentes em estado embrionário. (...) Assim, a zona de desenvolvimento proximal permite-nos delinear o futuro imediato da criança e seu estado dinâmico de desenvolvimento, propiciando o acesso não somente ao que foi atingido através do desenvolvimento, como também aquilo que esta em processo de maturação (VIGOTSKI, 1988, p.97, 98).

Dessa forma, com base nesses conceitos percebe-se que a construção da autonomia (emancipação) só será efetivada se estiver em consonância com os conceitos apresentados anteriormente, e que, por conseguinte devem ser analisados dialeticamente. E é essa autonomia que poderá fazer com que os sujeitos quando expostos as diferentes adversidades em seus contextos de inserção social possam efetivamente se posicionar na busca pela resolução dos mesmos, além de auxiliarem na luta constante pelo processo de transformação social.

CONCLUSÃO

Tendo por base que as interações como os pares são fundamentais para que ocorra o desenvolvimento das funções psicológicas superiores. É através da mediação do professor que a criança faz a interpretação e assimilação dos signos. O professor deve oportunizar as crianças espaço para que possam vivenciar/refletir sobre as diferentes manifestações da cultura corporal de movimento numa perspectiva crítica e que valorizem o trabalho educativo como elemento central no processo de desenvolvimento e transformação humana e social.

O autor Irineu Viotto Filho (2009) afirma que a apropriação desta teoria é indispensável para o processo de revisão crítica da escolar e do papel do professor na construção dos alunos. Visto a

> [...] importância da escola como instituição de formação social da mente humana, e sobretudo enfatiza-se o papel do professor, como sujeito imprescindível no processo de desenvolvimento dos seus estudantes, não como codjuvante, facilitador organizador do ambiente de aprendizagem, mas sim como socializador e principal responsável pela transmissão de conhecimentos teórico-prático fundamentais para que os seres humanos avancem no

> seu processo de humanização (SAVIANI, 2000 apud VIOTTO FILHO, 2009, p.693).

Diante desses apontamentos é de suma importância o papel do professor de Educação Física, dado que a práxis-pedagógica dessa disciplina poderá elevar o nível de desenvolvimento das funções psicológicas, através do contato com as diferentes linguagens presentes na Cultural Corporal de Movimento. Tal processo que promove ao mesmo tempo uma transformação da realidade objetiva, ao favorecer na autonomia dos alunos por meio de um trabalho educativo crítico e transformador da realidade social.

REFERÊNCIAS

ASBAHR, F. da S. F.. **Sentido pessoal e projeto político pedagógico: análise da atividade pedagógica a partir da psicologia histórico-cultural**. 2006, 199f. Dissertação (Mestrado em Psicologia escolar e do desenvolvimento humano) - Universidade de São Paulo.

ASBAHR, F. da S. F. **"Por que aprender isso professora?" Sentido pessoal e atividade de estudo na Psicologia Histórico-Cultural**. 2011. 220 f. Tese (Doutorado em Psicologia escolar e do desenvolvimento humano) - Universidade de São Paulo..

BETTI, M. **Educação Física e Sociedade:** a educação física brasileira de 1. 2 graus. 3. ed. São Paulo: Movimento, 1991.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** introdução aos parâmetros curriculares nacionais/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF,1997.

CASTELLANI FILHO, L.. **Educação física no Brasil:** a história que não se conta. 4. ed. Campinas: Papirus, 1994.

DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A.(Orgs.). **Educação física na escola:** Implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.

FREIRE, P.. **Pedagogia da autonomia** - saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

GHIRALDELLI JÚNIOR, P.. **Educação física progressista:** a pedagogia crítico – social dos conteúdos e a educação física brasileira. Paulo Ghiraldelli Junior. 2. ed. São Paulo: Espaço, 1989.

LAKATOS, E. M. **Metodologia do trabalho Cientifico**. São Paulo: Atlas, 1992.

MOLINA, F. F. **Educação em valores nas aulas de educação física:** análise de projetos que visem à cidadania e autonomia dos educandos. São Paulo, 2010.

REGO, T. C. **Vygotsky**: uma perspectiva Histórico Cultural da Educação. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

VIGOTSKI, L S. **Obras Escogidas**. Madrid: Machado Libros, 1995. v.3

VIOTTO FILHO, I. Al. Tuim. Teoria histórico-cultural e suas implicações na atuação do professor de educação física. **Motriz**, Rio Claro, v. 15, n. 03, p.687-695, 2009.